Yoshio Tomii Photo Studio/Afio Diversion/Glow Images

Cataratas do Iguaçu, no estado do Paraná, em 2011. Para Heráclito, o mundo é um escoamento contínuo dos seres em mudança perpétua.

O conhecimento e os primeiros filósofos

Heráclito de Éfeso considerava a natureza (o *kosmos*) um "fluxo perpétuo", o escoamento contínuo dos seres em mudança perpétua. Dizia ele: "Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque as águas nunca são as mesmas e nós nunca somos os mesmos". Ele comparava o mundo à chama de uma vela que queima sem cessar e transforma a cera em fogo, o fogo em fumaça e a fumaça em ar. O verão se torna outono, o novo fica velho, o quente esfria, o úmido seca; cada ser é um movimento em direção ao seu contrário.

A realidade, para Heráclito, é a harmonia dos contrários, que não cessam de se transformar uns nos outros. Se assim for, como explicar que nossa percepção nos ofereça as coisas como se fossem estáveis, duradouras e permanentes? Com essa pergunta, o filósofo indicava a diferença entre o conhecimento que nossos sentidos nos oferecem e o conhecimento que nosso pensamento alcança: o primeiro nos oferece a permanência ilusória, enquanto o segundo conhece a mudança como verdadeira realidade.

Parmênides de Eleia, porém, opunha-se a Heráclito, afirmando que só podemos pensar sobre aquilo que permanece sempre idêntico a si mesmo. Para ele, se nada permanece, então nada pode ser pensado.

Conhecer é alcançar o idêntico, o imutável. Nossos sentidos nos oferecem a imagem de um mundo em incessante mudança, no qual tudo se torna o contrário de si mesmo: o dia vira noite, o inverno vira primavera, o doce se torna amargo, o líquido se transforma em vapor ou em sólido.

Como pensar o que é e não é ao mesmo tempo? Como pensar o instável? Não é possível, dizia Parmênides. Pensar é apreender um ser em sua identidade profunda e permanente. Com isso, afirmava o mesmo que Heráclito – perceber e pensar são diferentes –, mas dizia isso em sentido oposto: nossos sentidos percebem mudanças impensáveis, mas o pensamento conhece a realidade, isto é, a identidade e a imutabilidade.

A distinção entre perceber e pensar é mantida também pela *filosofia atomista* ou o *atomismo* proposto por Demócrito de Abdera. Para ele, os seres surgem por composição dos **átomos**, transformam-se por novos arranjos e desaparecem pela separação deles.

Os átomos possuem formas e consistências diferentes, de cuja combinação surge a variedade de seres, suas mudanças e desaparições. Por meio de nossos órgãos dos sentidos, percebemos o quente e o frio, o grande e o pequeno, o duro e o mole, sabores, odores, texturas, o agradável e o desagradável, sentimos prazer e dor, porque percebemos os efeitos das combinações dos átomos que, em si mesmos, não possuem tais qualidades.

átomo
Termo grego que significa 'o que não pode ser dividido'.

Somente o pensamento pode conhecer os átomos, que são invisíveis para nossa percepção sensorial. Dessa maneira, Demócrito concordava com Heráclito e Parmênides que há uma diferença entre o que conhecemos por meio de nossa percepção e o que conhecemos apenas pelo pensamento. Porém, divergindo deles, Demócrito não considerava a percepção ilusória, mas sim um efeito da realidade sobre nós. O conhecimento sensorial é verdadeiro, embora seja de uma verdade diferente e menos profunda ou menos relevante do que aquela alcançada pelo puro pensamento.

Esses três exemplos nos mostram que, desde os seus primórdios, a filosofia preocupou-se com o problema do conhecimento, pois sempre esteve voltada para a questão do verdadeiro. **Desde o início, os filósofos se deram conta de que nosso pensamento parece seguir certas leis para conhecer as coisas e que há uma diferença entre perceber e pensar.**

Pensamos com base no que percebemos ou negando o que percebemos? O pensamento continua, nega ou corrige a percepção? O modo como os seres nos aparecem é o modo como eles realmente são? Preocupações como essas levaram, na Grécia clássica, a duas atitudes filosóficas: a dos sofistas e a de Sócrates. Com eles, os problemas do conhecimento tornaram-se centrais.

Sócrates e os sofistas

Diante da pluralidade das ontologias anteriores, os sofistas concluíram que não podemos *conhecer* o *ser*, pois, se pudéssemos, pensaríamos da mesma maneira e haveria uma única filosofia. Consequentemente, só podemos ter *opiniões subjetivas* sobre a realidade.

Por isso, os homens devem valer-se de um instrumento – a linguagem – para persuadir os outros de suas próprias ideias e opiniões. A verdade é uma questão de opinião e de persuasão, e a linguagem é mais importante do que a percepção e o pensamento.

Opondo-se aos sofistas, Sócrates afirmava que a verdade pode ser conhecida quando compreendemos que precisamos começar afastando as ilusões dos sentidos, as imposições das palavras e a multiplicidade das opiniões.

Os órgãos dos sentidos, diz Sócrates, dão-nos somente as aparências das coisas, e as palavras, meras opiniões sobre elas. A aparência e a opinião variam de pessoa para pessoa e em um mesmo indivíduo. Mas não só variam: também se contradizem.

Conhecer é começar a examinar as contradições das aparências e das opiniões para poder abandoná-las e passar da aparência à essência, da opinião ao conceito. O exame das opiniões é aquele procedimento que Sócrates chamava *ironia*, com o qual o filósofo conseguia que seus interlocutores reconhecessem que não sabiam o que imaginavam saber.

Platão e Aristóteles

Sócrates fez a filosofia voltar-se para nossa capacidade de conhecer e indagar as causas das ilusões, dos erros, do falso e da mentira. Platão e Aristóteles herdaram de Sócrates o procedimento filosófico de começar a abordar uma questão pela discussão e pelo debate das opiniões contrárias sobre ela a fim de superá-las num saber

Os sofistas

diálogos *filosóficos*

Os sofistas foram os primeiros a fazer da filosofia uma ocupação prática. Eles eram menos preocupados com conceitos como *ser* e mais preocupados em ensinar a arte da argumentação [...]. Cada homem possuía suas próprias percepções e nenhuma outra pessoa podia realmente decifrar qual dessas percepções era a "verdadeira", dizem os sofistas. Não há princípios derradeiros do universo que não possam ser descobertos, e todos os filósofos que tentaram descobrir quais deles são essenciais perderam seu tempo. O conhecimento é derivado dos sentidos e não revela o verdadeiro, o universal ou o imutável no mundo. Os sofistas desenvolveram a doutrina de sucesso e satisfação mundanas como objetivos da vida humana.

De acordo com os sofistas, nunca podemos saber a "verdade" ou o "bem", porque o "homem é a medida de todas as coisas". [...] Entretanto, é a confiança no argumento lógico que faz da filosofia o que ela é, não outra coisa. A filosofia veio explicar os princípios do universo, negando que nada verdadeiro pode ser realmente conhecido.

BERGMAN, Gregory. *Filosofia de banheiro*. São Paulo: Madras, 2004. p. 18-19.